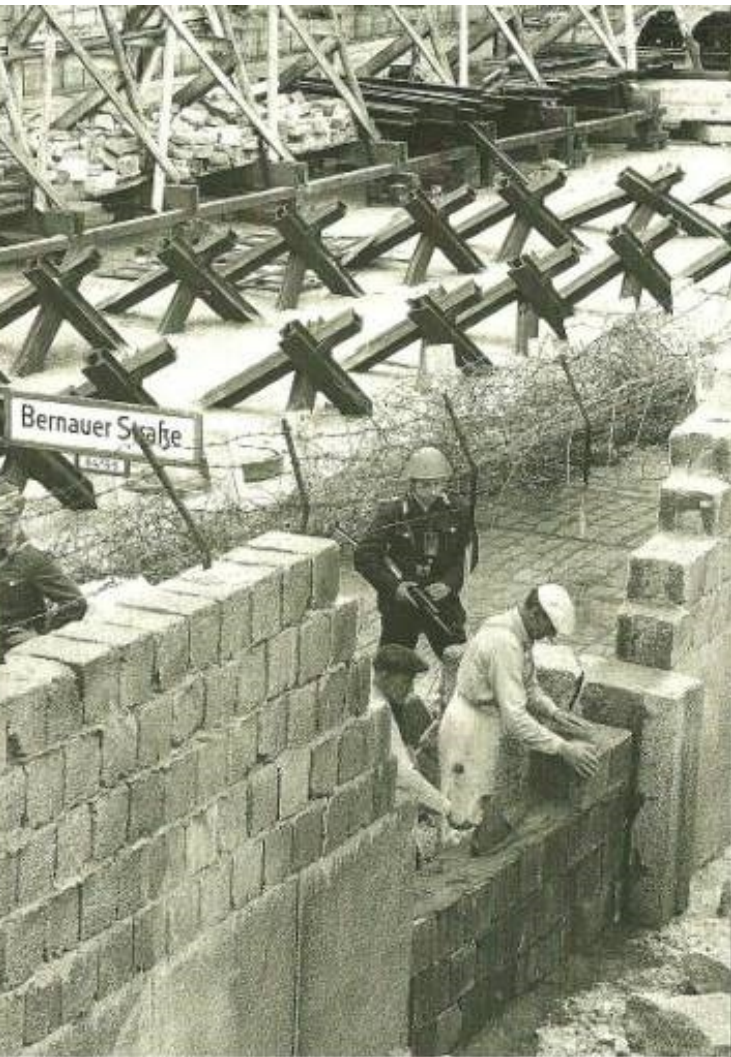


Roseline Vanessa Oliveira Machado

Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL e do Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela (UFBA/UALG - Portugal). Líder do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem e tutora do Programa de Educação Tutorial.



ARQUITETURA DO RESTO EM BERLIM

A curiosidade inerente ao olhar do viajante, obviamente, busca diferentes paisagens. As cidades mais visitadas do mundo estão no continente europeu enquanto berço da cultura ocidental, oferecendo uma diversidade paisagística, a qual comporta um conjunto arquitetônico que tem vencido os efeitos inevitáveis das ações do Tempo³.

Entretanto, dentre esses lugares, um configura objeto de desejo dos viajantes, não por sua memória de longa duração, mas por remanescentes de acontecimentos que se desenrolaram há pouco mais de meio século: a Alemanha.

³ELSNER., RUBIÉS, J. (org.), 1999.



Figura 1 e 2 - Cartões postais com o tema do Muro adquiridos em loja de souvenir berlinense. FONTE: arquivo pessoal

Este território tem raízes urbanas no período medieval, contudo as permanências de sua memória mais remota estão representadas pelo núcleo barroco (um momento recente para uma ocupação do continente europeu), que, apesar de estar conformado por edifícios estilisticamente expressivos, tem um poder de atração um tanto tímido em comparação com os fragmentos paisagísticos dos últimos 50 anos.

Na verdade, milhares de pessoas viajam a terras alemãs para ver sinais de um passado marcado por conflitos políticos e sociais. Campos de concentração e áreas bombardeadas, por exemplo, são tidos como pólos de rememoração para os visitantes. Tal interesse se denuncia pelos cartões postais que recheiam os inúmeros estabelecimentos beneficiados com a dinâmica do Turismo, onde a Segunda Guerra e o Muro são temas explorados com significativa vontade.

As expressões físicas da história política da Alemanha tornaram-se, pois, os temas mais explorados pela indústria do Turismo, cujas ações vão a reboque da própria noção contemporânea de patrimônio, a qual tem, cada vez mais, a diferença, a particularidade, como o bem social que deve ser preservado. Nesse sentido, a guerra, o Nazismo, o holocausto, ou seja, os conflitos que fizeram com que esse país fosse mundialmente conhecido, também o transformaram em um objeto de desejo.

O museu judaico, por exemplo, é parada obrigatória dos visitantes, mesmo que a maioria nem note que, talvez, a maior expressão representativa da história dos judeus, no contexto do Nazismo, esteja gravada nos rasgos das fachadas do edifício... Nem o "homem do sinal" (Ampelmaan), o soldadinho que figurava os semáforos da Alemanha Oriental, se salvou da apropriação do Turismo, tornando-se o ícone mais famoso de Berlim quando se trata de souvenirs.

⁴ URRY, 1996.

Nesta perspectiva, se por um lado a história da Alemanha, mais especificamente a berlinense, é marcada por destruições e preconceitos, por outro, foram as próprias conseqüências desses conflitos em termos de intervenção urbana que permitiram a formação de uma cidade jovem, atual e cheia de novidades, com um conjunto arquitetônico, muitas vezes implementado por concursos públicos, que recheia os livros de História da Arquitetura.

Os danos causados pelos bombardeios permitiram que a cidade fosse reconstruída, muitas vezes, partindo do zero. O tratamento dado ao seu espaço público é visto como um exemplo a ser seguido, especialmente aquele relativo à mobilidade urbana. Quem chega a Berlim logo percebe que a cidade é dos que caminham e dos que pedalam... Os carros, na maioria das vezes, têm que ser guiados em zig- zag, em função da composição da rua que comporta micro praças, vegetação e estacionamentos locados de maneira fluida.

São justamente os avanços relativos à estrutura física da cidade que traz à tona questões acerca da memória urbana, da história do lugar, da apropriação do que restou. Restaurar em Berlim é mais que mudar a cor ou o uso de determinado espaço. É tornar um espaço residual ocupável, independentemente das feições físicas da sobra urbana.



Figura 3 - Antigos semáforos ainda funcionando na parte oriental da cidade.
Fonte: OLIVEIRA, Roseline.

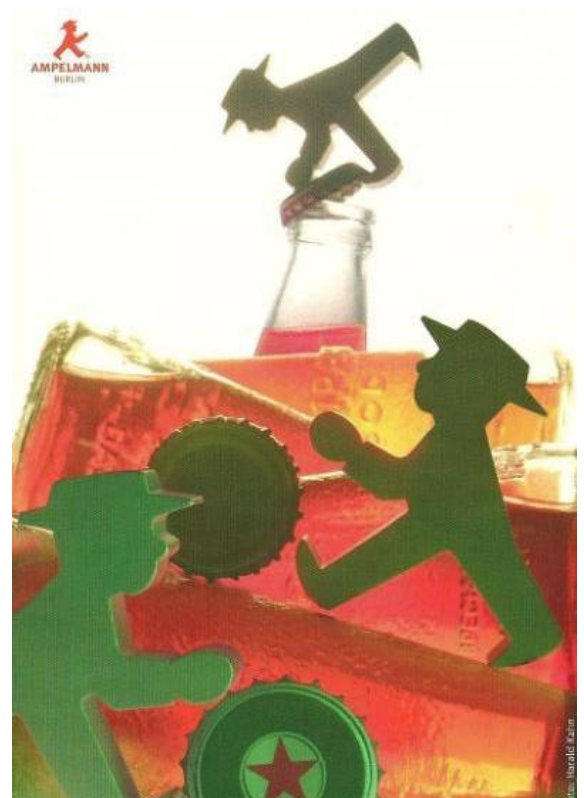


Figura 4 - Material de propaganda em loja de souvenir berlinense.
Fonte: arquivo pessoal.



Há muitas situações que denunciam esse processo de apropriação dos restos edificados de Berlim. Uma delas está vinculada ao turismo histórico, como a espetacularização do Muro, demolido em 1989, mas que deixou a sua marca (mesmo que artificialmente através dos movimentos do marketing cultural) na cidade, nos mapas e na memória das pessoas. Isso lhe garante um caráter de monumento, independente dos frágeis e sutis resquícios de sua materialidade.

6

Isso também ocorreu com um espaço da cidade conhecido como Tachelles, que significa “falar muito” em hebraico. É um complexo de bares e espaço para performances que ocupam um tipo arquitetônico chamado Miet Caserne (ou casas para alugar). Trata-se de prédios de apartamentos, construídos no século XIX e organizados em formato de U, moldado por um pátio central. Neste espaço há palcos, ateliês de artistas e bares. Em termos de caráter formal, o Tachelles causa estranhamento por vários aspectos, dentre os quais, a aparente inexistência de uniformidade de zoneamento e de mobiliário. Em outras palavras, há espaços de permanência, de serviços, e de passagem, sem que sejam delimitados por qualquer tipo de marcação de piso, nem símbolos de comunicação visual. Os assentos são, por exemplo, balanços, pedras, galhos de árvores, pedaços de letreiros... Uma composição fluida, como se, espontaneamente, os elementos fossem ocupando seus lugares, escolhendo suas funções.

Para ARGAN (1998, p.43) cidade é um resultado de um processo que não se resume a aspectos visíveis ou arquitetônicos, mas sim também são conformadores do espaço urbano, “(...) os ambientes das casas particulares; e o retábulo do altar da igreja, a decoração do quarto de dormir ou da sala de jantar, até mesmo o vestuário e o ornamento com que as pessoas se movem, recitam a sua parte na dimensão cênica da cidade. O espaço figurativo (...) não é feito apenas daquilo que se vê, mas de infinitas coisas que se sabem e se lembram, de notícias. Até mesmo quando um pintor pinta uma paisagem natural, pinta na realidade um espaço complementar do próprio espaço urbano”.



6 Através da 'teoria das permanências', Aldo ROSSI (1995, p.49) indica o reconhecimento da importância dos remanescentes do passado, tentando mostrar que, mais que objetos que contêm uma função utilitária ou reduzidos a mera contemplação, os monumentos significam que “o passado é, em parte, experimentado agora e que, do ponto de vista da ciência urbana, pode ser este o significado a dar às permanências: elas são um passado que ainda experimentamos”, pois o monumento é 'produto de uma coletividade e da relação que temos com a coletividade através dele'.

Figuras 7,8 e 9 - Reapropriação de espaços residuais oriundos de bombardeios.
Fonte: OLIVEIRA, Roseline.



De acordo com CALVINO, um fragmento de paisagem pode-se traçar histórias de apreciação do lugar, pois, "às vezes, basta-me uma partícula que se abre no meio da paisagem incongruente (...) para pensar que partindo dali construirei pedaço por pedaço a cidade perfeita, feita de fragmentos misturadas com restos, de instantes separados por intervalos, de sinais que alguém envia e não sabe quem capta". (1990, p.149).

A história da arquitetura é a história das pessoas. Coisas que aconteceram com elas e que deixaram marcas na paisagem. E é com expressividade que isso se deixa aflorar na pele urbana de Berlim: uma cidade balizada por um traço bem marcante de memória que hoje a transformou em uma paisagem solta, despojada e de espírito livre.

BIBLIOGRAFIA:

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ELSNER, J.; RUBIÉS, J. (org.) *Voyages and Vision: toward a cultural history of travel*. London: Reaktion books, 1999.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LE GOFF, John. *História e Memória*. São Paulo: UNICAMP, 1992.

URRY, John. *O olhar do turista*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

